



TEMA DE ESTUDO DAS EQUIPAS DO 3º ANO

VOCAÇÃO

BIBLIOGRAFIA:

I - MATRIMÔNIO

- "A Igreja e a Família" Col. d. Encíclicas- Ed. União Gráfica
- "Matrimônio Cristão" - Leclercq.
- "Le couple Chrétien" - vários autores, Ed. Aubier, Paris
- "Three to get Married" - Fulton Sheen
- Novo Testamento
- indissolubilidade: Mat. V, 31-32;
XIX, 3-9; Marc. X, 2-9;
Luc. XVI, 18; I Cor. VII, 10
- Deveres mútuos: I Cor. VII, 3-6; I Pedro, III, 1-7
- Matrimônio Misto : I cor. VII, 12-16
- Regra para os pais: I cor. VII, 36-28;
- Subordinação da mulher: I cor. XI, 1-16; XIV, 34-35; Efes. V, 22-24; I Tim. II, 11-14
- elemento sobrenatural: I cor. VII, 29-31
- símbolo de união de Cristo com a sua Igreja: Efes. V, 25-33
- castidade conjugal: Heb. XIII, 4
- escola de caridade: Efes. V, 25-33
- autoridade do marido: I cor. VII; XI, 2, 10, Efes. V, 22 Col. III, 18; Tito II, 4; I Pedro, III, 1
- deveres da mulher: I cor. VII; XI, 5, 9; XIV, 34; Efes. V, 22 Col. III, 18; I Tim. II, 11; III, 11; V, 2, 10; Tito II, 4; I Pedro III, 1;
- 2ª núpcias: I Cor. VII, 39-40; I Tim V, 14

II - CELIBATO

- Encíclica da "Sagrada Virgindade"; "La Virginité" J.M. Perrin, O.P.
- Novo Testamento
- é bom: I cor. VII, 1, 7-8
- é aconselhado: Mat. XIX, 9, 12, 29
Marcos X, 30
Luc. XVIII, 29
- a virgindade não é um preceito, é uma graça de Deus: I cor. VII, 25
- celibato eclesiástico: relativo, ou seja, interdição de segundas núpcias: Tito I, 6
- a virgindade é recomendada: Mat. XIX, 12; I cor. VII, 25 e seg.; Apoc. XII, 4

VOCAÇÃO

I - VOCAÇÃO FEMININA

- Sentido religioso da vocação feminina
- Missão maternal da mulher

1. A missão essencial da mulher, na transmissão dos valores humanos, e na salvaguarda da dignidade da pessoa resulta do facto de ela ter sido criada, por designios de Deus, para inserir, na ordem divina, todas as coisas e todos os valores. É na medida em que a mulher tenta descobrir esse plano que Deus lhe destinou, desde a Eternidade; é na medida em que o aceita e se adapta a ele, oferendo o melhor de si mesma, que está a corresponder ao seu destino profundamente religioso, que está a realizar a sua vocação própria. É, também, nessa atitude de aceitação e oferenda que se revelam os traços mais profundos e mais ricos de sentido, da personalidade feminina.

Tomando como ponto de partida os dados da sua própria natureza, num esforço constante de aperfeiçoamento e de cooperação com a graça, a mulher será, simultaneamente, uma salvaguarda e um estímulo, na descoberta dos valores religiosos.

A semelhança da Virgem na Anunciação, a mulher será tanto mais mulher, quando mais disponívelmente aceitar que tudo nela se faça segundo a plano de Deus. Cuida que lhe custe a oferta generosa da própria vida.

2. Tendo em si uma tendência marcadamente afectiva, a Mulher actua pelo Amor - a sua vocação concretiza-se na dádiva - por - amor. E esta adquire a sua plenitude na maternidade. É através da maternidade - física e espiritual, para a maioria, ou só espiritual, para algumas das mulheres - que cada uma pode realizar a missão de enquadramento dos valores criados na ordem divina.

Essa missão realiza-se tanto em relação às almas, como em relação às ideias; tem como objectos o homem e o pensamento. Supõe renúncia de si, dedicação, amor, misericórdia, do mesmo modo que exige o amor à verdade, a humildade intelectual, a assimilação de todos os valores culturais que lhe estão adequados dentro do esquema de vida, à salvaguarda do respeito devido ao homem e à Verdade.

É por motivo desta missão especificamente feminina, que a Igreja chama a atenção de todas as mulheres sobretudo das que, pela cultura e pela formação, têm mais responsabilidades, apontando-lhes as tarefas concretas que lhes cabem na realização dessa missão. Essas tarefas dizem, sobretudo, respeito à formação da família e da sociedade, à moralização dos costumes, à educação feminina e à restauração da verdadeira paz.



II - VOCACÃO COMUM DO GÊNERO HUMANO

VOCACÃO À SANTIDADE

- Vocação - interrogação do homem perante Deus: celibato ou matrimônio? Qual o mais perfeito?
- Elementos que definem a vocação.

1. Ao criar o homem por amor de si mesmo, ao chamá-lo a participar na vida da Trindade, Deus dá-lhe um fim comum a todo o género humano: uma vocação comum. Chama-o a conhecê-lo, ama-lo e servi-lo para o gozar, um dia, no seu, como aprendemos no catecismo. Isto é, chama-o a participar da própria Vida Divina que se expande no seio da Trindade Santíssima, por um dom inteiramente gratuito do seu Amor e da sua Misericórdia. E, ao chamar, assim todo o homem, sem excepção, a um caminho de santidade, Deus dá-lhe necessariamente, as graças, sem as quais ele não pode atingir o grau de santidade que lhe é exigido.

Mas, se dá a cada um quanto se lhe é necessário, não dá, contudo, a todos do mesmo modo, nem com a mesma intensidade. A afirmação, tantas vezes ouvida, de que qualquer cristão pode, se quiser ser um S. Pedro ou um S. Paulo, sob este ponto de vista é menos exacta.

O grau de santidade, a que cada homem é chamado é mistério do Amor de Deus; é mistério de predestinação que não nos é dado, ao menos neste mundo, perscrutar. Qual o motivo que leva Deus a chamar um Stº. Agostinho a ser Stº. Agostinho? O merecimento deste? Não; é a própria vontade divina, cuja profundidade e soberania não podemos conhecer.

Desde o início, Deus pensou os homens, pensou cada homem, amou cada um, segundo um amor particular. E foi esse pensamento de amor que definiu a sua função no tipo místico, e letoriana, por parte de Deus, a sua linha vocacional. Mas a vocação se é um chamamento de Deus, é também uma correspondência humana.

O encontrar essa linha, o conhecer o modo concreto de realizar o pensamento de Deus a seu respeito, constitui por isso, o problema fundamental da vida do homem. Ser-lhe-á, sempre, possível conhecê-lo?

É dentro da linha exacta que Deus pensou para cada homem que o mesmo homem pode atingir o mais elevado grau de santificação, isto é, que pode dar a Deus toda a glória de que é capaz, e aquela que, na economia divina estava destinado que ele desse.

2. E, porque o chamou a esse determinado grau de santidade, Deus dá-lhe os meios de atingi-lo, e de conhecer aquilo que lhe pede. Este conhecimento da vontade de Deus não se tem porém, normalmente, através dum chamamento explícito e iniludível, como foi o dos apóstolos: "Vem e segue-me": (Mat. IV, 19). (Marc. II, 14), ou o de um Paulo no caminho para Damasco. Mas ele existe para cada homem. Manifesta-se, através de um conjunto de dados e de circunstâncias, que, aparecendo como simplesmente naturais, revestem, contudo, um significado sobrenatural. Dados que não são independentes entre si, mas que se encadeiam e formam um todo na vida de cada homem. Para conhecer através da multiplicidade dos caminhos, aquele que Deus escolheu, exige-se do homem uma atenção constante, um vigiar com Cristo, o silêncio para escutar o espírito que "ora em nós com gemidos inenarráveis". Exige-se uma fidelidade de cada momento que prepara o momento seguinte e é função, em parte, do momento anterior. Todo o momento tem a sua graça própria. Se fôr perdida ela pode não voltar. Cada graça é elo duma corrente de graças.

Quando se quebra, nem sempre se volta a encontrar a ponta.

3. Mas, se é assim, aquele que em dado momento se afasta do plano divino estará irremediavelmente perdido?

Quem poderá, então salvar-se? Porque, quem correspondeu sempre, totalmente, ao que Deus lhe pedia? Somente Nossa Senhora, instrumento perfeito nas mãos de Deus percorreu, sem uma falha, sem um desvio, o caminho que Ele pensara para Ela. Por isso, Ela foi a única que atingiu toda a beleza, toda a perfeição, de que um ser criado era capaz. Por isso Ela, por si só, rendeu a Deus maior glória que todo o resto da criação. Mas esta correspondência perfeita foi ainda fruto duma graça de predestinação - que não exclui, evidentemente o dom da liberdade - obtida pelos merecimentos de Cristo para aquela que, desde sempre, fora escolhida para ser sua Mãe.

Fora Ela, todo o género humano se afasta, mais ou menos, do pensamento divino. Nenhum homem, portanto realiza integralmente o plano de Deus a seu respeito. Porque, ao afastar-se da linha que é a sua, ele modifica a trama dos sucessos da sua vida.

Porém, o que parece impossível ao homem, é possível a Deus. E Deus dá àqueles que o procuram, mesmo depois de muitas quedas, de muitas infidelidades, de muitas recusas, a possibilidade de encontrar uma linha de santificação que, embora não seja a inicial, permita atingir um grau de glória, segundo a capacidade actual da alma. Maior ou menor do que teria sido pelo primeiro caminho? Não podemos saber. Sabemos, porém, que será na dimensão do Amor, porque muito é perdoado àquelles que arremetidos muito amam. E, se o perdão é a graça de Deus reencontrada, pelo caminho da graça reencontra-se no caminho da santidade.

4. Se Deus é o fim último que a todos se propõe, se a vocação do homem é sempre e em qualquer caso a santidade, numa ou noutra hipótese, ela pode ser realizada através de 2 grandes caminhos: o caminho do Matrimónio - Deus atingido através de outrem - e o caminho da consagração - Deus procurado directamente, e atingido, sem intermediários.

Na ordem natural, o Matrimónio surge como o meio de alcançar a plenitude humana - o homem encontra em outrem o que em si falta; por ele se completa o completa-o. Através dele, encontra a possibilidade de satisfazer a sede de afecto inerente a todo o ser humano e de com outrem e por outrem chegar até Deus.

Mas, na ordem da sobrenatureza, novos valores ganham vida: Valores que ultrapassam e divinizam a natureza. Porque houve pecado e Redenção, o Matrimónio, na economia concreta estabelecida por Cristo, deixou de ser caminho comum a todos os homens e Jesus faz surgir o celibato, como um estado susceptível de ser abraçado por amor de Deus. Por ele, o homem renuncia a um complemento a que a sua natureza, de si, aspira, para se entregar inteiro, sem reserva, ao amor de Deus e fazer seus os interesses do Reino de Cristo.

Considerados, em si mesmos, os dois caminhos qual será o mais perfeito? À luz do Evangelho, o Celibato.



"E olhei e eis que o Cordeiro estava em pé sobre o monte de Sião e com ele cento e quarenta e quatro mil pessoas que tinha escrito sobre as frentes o nome dele e o nome do seu Pai (...). E cantavam como que um cântico novo, diante do trono (...) e ninguém podia contar nem entender senão aqueles cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da terra (...). Estes seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Estes foram resgatados de entre os homens como primícias escolhidas para Deus e para o Cordeiro" (Apoç. 14, 1-6)

O próprio Apostolo explica que estes são aqueles que ficaram virgens (Apoç. 14, 4).

E S. Paulo;

"O que está sem mulher preocupa-se unicamente dos bens do Senhor, de como há-de de agradar a Deus. Ao contrário, o que está com mulher preocupa-se das coisas que são do mundo, de como há-de dar gosto a sua mulher, e assim sente-se dividido". (1ª. Cor., 7, 32-33)

Não é porém, ao homem que cabe escolher qual o caminho que deve seguir - Virgindade ou Matrimónio.

O chamamento à virgindade é dom gratuito de Deus. Não é dado a todos seguir este caminho, mas só aqueles a quem a graça o revolve:

"Ao que ele respondeu: nem todos são capazes desta resolução, mas somente aqueles a quem isto foi dado do alto.

Porque há eunuocos que nasceram assim do ventre da sua mãe e há outros eunuocos a quem os homens fizeram tais; e há, ainda, outros eunuocos que a si mesmos se fizeram tais (de certa maneira) por amor do reino dos ceus, quer dizer, por voto de castidade.

"O que é capaz de responder isto, compreenda-o".

(Mat., 19, 11 - 20)

Ao que é chamado, fica a liberdade de responder sim ou não.

Contudo, se nem todos são chamados à virgindade, a todos é lícito pedir esse dom.

A Virgindade surge-nos, pois, como o caminho objectivamente mais perfeito, como o mais perfeito em si mesmo. Mas, em concreto, para cada alma é praticamente mais perfeito, se assim podemos dizer, aquele que Deus de facto escolheu. E, se eu de facto me sinto chamada ao Matrimónio é dentro do matrimónio que posso e devo realizar-me; é nele que atin-girei a plenitude na ordem natural e sobrenatural.

Finalmente como conhecer, dos dois caminhos, aquele que Deus pensou de facto, para mim? Em geral, como vimos, este conhecimento não é obra dum momento, mas obtém-se, a pouco e pouco, pela fidelidade à vontade de Deus em cada acto da nossa vida, pela análise dos gostos, das tendências, das aptidões, das condições de saúde e do conjunto de circunstâncias exteriores de que somos dependentes e que em parte influem na nossa escolha: situação da família, do meio, da época, necessidades da Igreja, momento da nossa decisão.

Ao falar de gosto, é preciso acentuar que se, normalmente, a vontade de Deus não vai contra o gosto da pessoa, em certos casos de exceção - naqueles em que se é chamado, dum modo particular, a prolongar na terra os sofrimentos de Cristo, - ou colaborar, pela renúncia no mistério da salvação do nosso próximo - isso pode suceder, pela sobreposição do gosto espiritual ao gosto sensível.

Toda a vocação do cristão envolve, sempre, uma parcela de Cruz. O chamamento à virgindade envolve-a dum modo particular, porque nela o homem tem de renunciar à aspiração sensível mais viva em todo o género humano, que é a de buscar noutrem o seu complemento, em ordem à fecundidade física. A dor que tal renúncia envolve, porém, não exclui, de modo algum, o chamamento de Deus para este caminho. Também o matrimónio envolve renúncia de bens naturais. Mas assim como o homem legitimamente os sacrifica em ordem a atingir o fim primário tão decisivo para a espécie humana, assim, também quando voluntária e esclarecidamente, renúncia à vida conjugal, por amor dos bens superiores do espírito ou à fecundidade física por amor da fecundidade espiritual, o celibato, longe de constituir uma mutilação da natureza, reveste-a de uma perfeição moral de valor e beleza dignos de todo o apreço e respeito.

III - MATRIMÓNIO

1. O Amor Humano

a) Fundamentos do Amor Humano

Se a criatura humana fosse absolutamente perfeita, não teria necessidade de amar alguém para além de si. O amor nasce precisamente com o inquietante desejo de algo de Bem, para além de nós mesmos. E, porque não somos perfeitos, constantemente lutamos para adquirirmos aquilo que nos falta, por nos complementarmos.

Dai a expectativa, a busca natural de complemento - alguém que nos venha tornar possível alcançar essa perfeição indispensável à realização plena da nossa vocação humana.

Essa ânsia desmedida de possuir o Bem, a Plenitude da vida, não se concentra, no íntimo de cada ser. Tende a exprimir-se por uma transmissão, uma dádiva, que é o segredo da sua contante renovação e da sua eterna juventude. A par da necessidade de complemento, o apelo à fecundidade, força natural do ser e que o leva a entrar em união com o ritmo permanente da vida que o cerca - é a outra grande determinante do amor humano.

b) O Amor Humano - dom de Deus

Deus é o Bem perfectivo do nosso ser. Por isso, Ele é o único que se impõe absolutamente ao nosso amor. Mas a marca da sua presença, em cada criatura, é um apelo à nossa correspondência em amor.

No caso particular de alguém, em que se reconhece o complemento a que se aspira e que Deus proporciona, o amor revela-se mais nitidamente como um dom maravilhoso de Deus, através de dois aspectos:

- a parcela de Bem que Deus, por dádiva gratuita, colocou no "outro".
- o próprio sentimento de amor, que é o Espírito Santo na alma de cada um ...



Enquadrado nesta perspectiva divina, o amor humano é Presença do Espírito Santo, é dom de Deus. Por isso, em dois seres que sobrenaturalmente se amam, não há duas mas sim três "pessoas": ele, ela e Deus.

c) Tendências do Amor

A Unidade

O amor é um princípio unificador do que ama ao que é amado. Mesmo em face da dor essa tendência para a unidade não quebra. É a união do amor no sacrifício. A sua expressão mais sobrenatural e mais pura, encontramos-a no Calvário, onde Jesus oferece a sua própria vida por aqueles a quem ama.

Também o Santo, um "comprometido em Amor", vive o seu mistério na unidade: a plena identificação da vontade própria com a vontade de Deus.

No amor conjugal, a unidade realiza-se, em parte, sendo "dois numa só carne" (S. Mat, XIX, 5.). Mas a unidade perfeita só é atingida quando se unirem em algo que os ultrapasse: quando efectivaram a unidade em Deus. Isso é possível por uma tendência para:

A Co-inerência

Cada ser que ama existe no outro que é amado. O amor não se satisfaz com a simples união; aspira a assimilar o outro a si mesmo. Este amor, na ordem sobrenatural, corresponde a uma inerência em Deus: "Aquele que vive em Amor, vive em Deus, e Deus nele. (S. João IV, 17).

É precisamente isto que dá ao amor conjugal a sua plenitude: a união da carne torna-se unidade perfeita de orações e de almas. Então, ambos estarão, no dizer de S. Paulo - "desposados no Senhor", isto é, conscientes da sua vocação de serem um em Cristo.

É esta inerência mútua que sustenta uma plena comunhão de alegrias, dores, esforços, sacrifícios, orações e silêncios.

2. - A Escolha

a) O facto de se possuir determinadas aptidões, que correspondem às exigências da vida do Matrimónio, não significa que se tenha vocação matrimonial efectiva. O chamamento de Deus, nesse sentido, só toma, normalmente, expressão definida, quando se encontra o "outro". É precisamente nesse momento que surge um sério problema: a escolha - o aceitar ou não aceitar o outro. Então, só um perfeito equilíbrio entre o raciocínio e a afectividade, são garantias da serenidade e clarividência indispensáveis, para que a vontade actue devidamente; para que devidamente se escolha o caminho a seguir. Sabemos bem quanto é difícil, custoso esse equilíbrio humano: só uma fé vivida intensamente, uma constante sobrenaturalização de todo o nosso ser garantem essa lucidez de espírito, essa abertura de alma, que torna possível querer e aceitar continuamente que só Deus decida e só Deus actue.

b) Quais são os factores humanos e sobrenaturais que têm de entrar em conta, no diálogo travado entre aquele que escolhe e Deus?

Há sem dúvida, factores de várias ordens, que a pessoa não deve desprezar e marcam, de certo modo, o critério da própria escolha.

O 1º factor radica no reconhecimento de que, naquele a quem se ama, há valores objectivos que merecem ser amados: força de carácter, capacidade de inteligência, riqueza de sensibilidade, profundidade e equilíbrio na visão do mundo e da vida, saúde física, etc.. A existência destas qualidades naturais é indispensável, para que se realize a dádiva mútua de ideais, de afectos, de bens, própria do amor conjugal.

Para além destas qualidades, têm de estar uma adesão expressa e uma aprofundada vivência da Fé. A não aceitação ou a não definida aceitação dos valores religiosos da parte de um dos conjugues compromete, seriamente, o cumprimento duma missão específica, onde, para além dos aspectos puramente terrenos, humanos, está todo o destino de Eternidade. Não atender, na escolha, a estas exigências de carácter religioso, é pôr em risco, e tornar praticamente impossível a realização plena da vida matrimonial. Assim no-lo provam, por exemplo, as tristes consequências de muitos casamentos mistos.

c) Outro factor de não menor importância, que se deve ter também em conta, na escolha, é a certeza firme de que o coração reconhece, no "outro" esse complemento a que todo o nosso ser aspira. Importa que, para além do reconhecimento das qualidades atrás mencionadas, haja uma certeza íntima de compreensão e de afecto, de uma ressonância total, duma presença tão completa e íntima, e da unidade do casamento. Em suma: é necessário que ambos, na totalidade do seu ser, se encontrem em profunda comunhão; é necessário que, verdadeira e intimamente, se amem.

Não pensemos, porém que, uma vez respeitados todos esses factores, a escolha é necessariamente infalível. As circunstâncias de conhecimento, a influência de certas opiniões, o pouco contacto e até uma falha da própria intuição podem levar a julgar que o outro tem um valor que, na realidade não possui. Isto não significa que se exija do outro uma perfeição absoluta, que é, na verdade, impossível em qualquer ser humano. O reconhecimento de certas limitações, de certas imperfeições mesmo, naquele a quem se ama, deve significar a exigência dum amor ainda mais forte, capaz de estimular o outro a uma perfeição maior.

Em qualquer dos casos, importa ter uma visão clara, uma atitude serena e uma vontade humilde e firme.

3. Bens do Matrimónio

Embora a escolha daquele a quem se ama, seja, como vimos, determinada pelo reconhecimento duma profunda afinidade de valores humanos e sobrenaturais, a correspondência mútua de pensamentos, sentimentos e afecto afirma-se, gradualmente, durante o período que antecede o casamento. Pouco a pouco, cada um procura identificar-se com o outro; a isso o leva o próprio sentimento de amor. Mas essa identificação só se completa com o Sim do Matrimónio, quando cada um se torna verdadeiramente único para o outro; quando a vontade livre de cada um aceita uma doação mútua e uma união definitiva e completa.



Nesse momento cada um fica comprometido na vivência dum mistério, - o mistério de uma unidade querida, por Deus para a valorização plena dos que, por amor, se unem: "Serão dois numa só carne". (S. Mat., XIX, 5) A este respeito diz-nos a Encíclica "Casti Connubii":

"A união conjugal é, acima de tudo, um acordo dos espíritos, acordo mais estreito que o dos corpos; não é só um atractivo sensível, nem uma inclinação dos corações que a determina, mas uma decisão deliberada e firme das vontades; e desta conjunção dos espíritos, por determinação de Deus, nasce um vínculo sagrado e inviolável".

"Por isso, a união santa do verdadeiro casamento é constituída, ao mesmo tempo, pela vontade divina e humana: de Deus, vem a própria instituição do matrimónio, os seus fins as suas leis, e os seus bens; com o auxílio e coadjuvação de Deus, é ao homem mediante o dom generoso que uma criatura humana faz a outra da sua própria pessoa, por todo o tempo da sua vida, que se deve qualquer matrimónio, com os deveres e benefícios estabelecidos por Deus".

E quais são esses bens concedidos por Deus ao verdadeiro matrimónio? - "São todos os bens" - diz-nos S. Agostinho - "por causa dos quais as núpcias são boas: a prole, a fidelidade; o sacramento".

a) Os filhos ocupam, entre os benefícios do matrimónio, o primeiro lugar.

A maior dádiva que Deus fez ao homem foi a de poder participar no Seu próprio poder criador. Uma das grandes revelações da Sua Bondade foi querer servir-se do contributo dos homens para a propagação da vida, quando, no paraíso terrestre, instituindo o matrimónio, disse a Adão e Eva e neles, a todos os futuros esposos: "Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra" (Gen. 1, 28).

"Para apreciar a grandeza deste benefício de Deus e a excelência do matrimónio, basta considerar a dignidade do homem e a sublimidade do seu fim. Na verdade, o homem ultrapassa todas as criaturas visíveis, mesmo só pela excelência da sua natureza racional. Acresce que, se Deus quis as gerações dos homens, não foi somente para que eles existam e encham a terra, mas para que honrem a Deus, o conheçam, o amem e o gozem eternamente no Céu; em consequência da admirável elevação do homem, feita por Deus, à ordem sobrenatural, este fim ultrapassa tudo o que "os olhos vêem, os ouvidos ouvem e o coração do homem pode conceber". (Encíclica "Casti Connubii")

Se a fecundidade é fundamental para a perpetuação da espécie e para o aperfeiçoamento natural do homem, se ela é a plenitude do matrimónio e, por essa razão, todos os outros bens lhe estão subordinados, não a devemos entender, apenas no aspecto da procriação. A fecundidade, para ser valor humano, tem de ser, antes de mais uma fecundidade de espírito. Por isso, é que, na união espiritual dos esposos, deve assentar a união física, e a sua acção, em relação à prole, não termina na procriação, mas se harmoniza e completa na educação dos filhos.

Assim, ao dizer-se que a fecundidade é o fim primário do matrimónio, entende-se que nenhum dos outros bens individuais pode antepor-se à procriação ou à educação dos filhos.

b) A Fidelidade, o segundo bem do matrimónio mencionado por S. Agostinho, é a fé no outro. "Fé em que ele é caminho, em que ele traz em si valores que são dignos de amor". Essa fidelidade exige, em primeiro lugar, a unidade absoluta do Casamento que o próprio Criador esboçou no Primeiro Matrimónio, não querendo que ele fosse senão entre um só homem e uma só mulher. A lei Evangelica veio reafirmar esse sacrifício de unidade inicial, acentuando as exigências da fidelidade total, mesmo no domínio do espírito: "eu lhes digo que todo, aquele que viu uma mulher com olhos de concupiscência, já cometeu adultério com ela, no seu coração (S. Mat., V, 28). Estas palavras de Cristo representam a própria lei de Deus e da Natureza, que nenhuma vontade humana pode destruir ou modificar.

Do mesmo modo, deve ser completa a fidelidade dos esposos nas suas manifestações mútuas de afecto. O dever de castidade que se impõe na vida extra-conjugal, concretiza-se, duma forma especial, dentro do próprio matrimónio, por um respeito profundo perante o outro, na integridade total e mútua da doação, por uma absoluta lealdade íntima e de relação, em todos os aspectos da vida, tanto na esfera do sensível, como no domínio do espírito.

Por isso, a fidelidade matrimonial pressupõe tanto a unidade de actos e afectos, como a unidade de pensamentos e interesses. E, para que seja completa, exige ainda uma vivência própria de Caridade: cada cônjuge deve ser para o outro um estímulo a uma vida cada vez mais perfeita, "de modo que, na sua união recíproca de vida, progridam cada vez mais na virtude, principalmente na verdadeira caridade para com Deus e o próximo" - como recomenda a Encíclica "Casti Connubii".

É, ainda, para assegurar a fidelidade que cada um, no matrimónio, procurará manter a ordem do amor, como lhe chamou S. Agostinho, e que diz respeito à acatitação e cumprimento da missão que a cada um cabe, consoante o lugar que deve ocupar na hierarquia familiar e de acordo com a palavra do apóstolo: "sujeitem-se as mulheres aos seus maridos como ao Senhor; porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja" (Ep. aos Efésios, V, 22-23). Tal sujeição não significa, como muitos pensam, uma negação da liberdade da mulher, nem um corte do livre exercício dos seus direitos com tal; é, antes uma segurança para o bom uso que destes deve fazer.

"Se, efectivamente, o homem é a cabeça, a mulher é o coração; e, se um tem o primado do governo, também a outra pode e deve atribuir-se o primado do amor".

c) O Sacramento, significa a indissolubilidade do vínculo matrimonial e também a elevação à consagração que Cristo fez do contrato conjugal como sinal eficaz da graça.

No que respeita ao carácter indissolúvel do matrimónio, as palavras de Jesus são bem claras: "Não separe o homem aquilo que Deus uniu" (S. Mat. XIX, 6) e "Todo aquele que abandona a sua mulher e toma outra, comete adultério; e todo aquele que toma a mulher abandonada pelo marido, comete adultério". (S. Lucas, XVI, 18). Com isto, Jesus não vinha dar um ensinamento novo; vânia antes reintegrar, no seu pleno vigor, a lei primitiva, que durante algum tempo fora atenuada. De facto, o matrimónio, mesmo no estado de natureza e muito antes de ter sido elevado à dignidade do Sacramento propriamente dito, implicava, em virtude da sua instituição divina a perpetuidade, e inviolabilidade do contrato, de modo que não pudesse ser dissolvido depois por nenhuma lei civil.

A razão mais íntima desta indissolubilidade encontrá-la-emos na significação mística do matrimônio cristão, que representa segundo o pensamento de S. Paulo (Ep. aos Efésios, V, 32), a união perfeitíssima e permanente de Cristo com a Igreja.

As vantagens que derivam da indissolubilidade do matrimônio, são múltiplas, como facilmente se depreende: inviolável estabilidade da vida conjugal e familiar; defesa contra as tentações de infidelidade; segurança de dignidade dos conjugues e seu mútuo auxílio; benéfica acção educativa junto dos filhos; notável contributo para a ordem e estabilidade conjugal.

Como sacramento, o matrimônio envolve, ainda, outro aspecto: ele é fonte de graça, pela qual o amor natural se eleva a uma maior perfeição, a unidade se afirma e intensifica e os próprios cônjuges se santificam. Sendo, os esposos, os ministros do sacramento e sendo o matrimônio uma realização ao longo do tempo, a graça não se limita a um momento, mas vem aos dois ao longo de toda a sua vida na terra. Por isso, cada um é, para o outro, canal de graças - não só de graça santificante que é aumento da vida sobrenatural, mas, também, de dons especiais, de disposições que desenvolvem e aperfeiçoam as forças da natureza, a-fim-de que cada cônjuge cumpra, devidamente, tudo o que se refere ao estado matrimonial. Não esqueçamos, porém, que a graça do sacramento do matrimônio, como aliás toda a graça, exige uma docilidade individual, um sério esforço de cooperação, para que não permaneça, em grande parte, como talento inútil sepultado na terra.

4. O Noivado

O período que antecede o casamento - namoro e noivado - deve ser, para os noivos, ocasião para cuidadosa preparação, e tanto mais cuidadosa, atenta e pesada de exigências, quanto maior é a sua consciência do acto grandioso que vão realizar e das responsabilidades enormes que irão assumir.

Deste modo, importa considerarmos alguns aspectos a ter em conta nessa preparação próxima do matrimônio: o conhecimento real do "outro"; o aperfeiçoamento e correção mútuos; a educação da vida afectiva; a espiritualidade própria do noivado e básica da vida matrimonial futura.

a) O conhecimento cada vez mais vasto e mais profundo do outro - do seu temperamento, das suas qualidades de alma, da sua aptidão profissional, dos seus interesses e preocupações intelectuais, dos seus gostos e preferências em todos os aspectos da vida, - deve ser uma conquista progressiva e constante, durante o namoro.

Para isso, é necessário que haja, de parte a parte, um esforço contínuo de se revelar, de se dar a conhecer ao outro sem disfarce, nem mentira; a intenção permanente de aproveitar os encontros, as conversas, a correspondência, etc. entre os dois, para lealmente fazer essa revelação.



Importa sobretudo, uma grande abertura de alma, uma grande sinceridade, para não iludir o outro; e, também, uma profunda compreensão, uma atitude de grande vigilância e clarividência, para apreender o outro tal como ele é, na sua realidade de virtudes e imperfeições.

b) O aperfeiçoamento e correção mútuos devem ser uma das grandes preocupações dos noivos, durante a preparação para o casamento. Por um lado, tem de haver, sempre, em cada um, a aspiração grande de ser mais perfeito para ser cada vez mais digno do outro e para lhe proporcionar a oferta de um dom cada vez mais valioso, porque cada vez mais santo e puro. Por outro lado, deve também haver o desejo forte e constante de querer o Bem completo do outro e de o ajudar a conquistá-lo, apontando-lhe o melhor caminho.

Só estas duas forças podem levar a cortar, na própria alma, aquilo que é inútil, impedimento à perfeição ou, até, motivo de queda. Só elas podem ser, para o outro, estímulo a uma vida melhor, estímulo esse que, em vez de provocar conflitos e apreensões, antes impulsiona e corrige, suavemente, porque ditado por um amor gratuito, por uma autêntica Caridade, que não recusa esforços nem sacrifícios.

Naturalmente, isto exige, antes de mais, disposição íntima de grande humildade, não só para reconhecer as próprias deficiências com serenidade (o desânimo seria, então, forma subtil de orgulho...), como, também, para aceitar que o outro seja "o precursor de grandezas maiores" e aproveitar o auxílio que ele lhe presta.

Este esforço de aperfeiçoamento mútuo, durante o namoro e noivado, é fundamental, tanto pelo que significa no momento, como pelas repercussões que virá a ter na vida matrimonial futura, onde deverá persistir.

Fundação Cuidar o Futuro

c) Um dos problemas mais importantes postos aos noivos, que conscientemente se preparam para o matrimónio, é o que diz respeito ao equilíbrio afectivo e ao seu comportamento moral. É, no seu convivio mais ou menos frequente, nas suas manifestações exteriores de afecto, nas suas palavras e atitudes, que vai reflectir-se, em maior ou menor grau, consoante o seu temperamento e a formação recebida, a ordem (ou desordem) da vida interior.

A harmonia total da pessoa, no seu conjunto de corpo e alma, revelada através dum perfeito equilíbrio entre o pensamento e a sensibilidade, e dum perfeito domínio da vontade - só à custa de sérios esforços, de parte a parte, se mantém no noivado, sobretudo quando não se criou um clima de vida favorável, por deficiências de educação, desde a infância. É por esta razão que, frequentemente, se diz que a preparação remota para o casamento se deve fazer desde o período infantil.

Ainda neste campo, há uma ideia-força que poderá ajudar os noivos a vencer a fraqueza e os impulsos da própria natureza: a ideia de que cada um tem de ser, para o outro, salvaguarda de Pureza (essa harmonia atrás mencionada), não só pelo exemplo da sua conduta pessoal, mas também pela ajuda que, nesse sentido, presta ao outro, em todas as circunstâncias e, até, nos mais pequenos pormenores da vida.



É também conveniente, atender à duração do namoro e noivado e à graduação dos afectos ao longo desse tempo. Certas manifestações de afecto, que não são más em si, podem ser imprudentes e, até, constituir um perigo moral, quando o casamento é previsto a longo prazo. Ainda que à custa de certa renúncia pessoal, os noivos devem, por isso, fazer um sério esforço de graduar devidamente os seus sentimentos. Isto supõe certa vigilância, quanto ao local e duração dos encontros, frequência de correspondência, palavras e atitudes de ambos, etc..

d) Em qualquer caso, o perfeito equilíbrio só é praticamente conseguido, quando os noivos se esforçam, de parte a parte, por manter em ordem a sua vida interior. Só uma espiritualidade forte, bem assente no real, pode dar a ambos a força que tal harmonia requer. Por isso, podemos falar duma "espiritualidade do noivado" que é, sem dúvida, a base indispensável para uma vivência plena do matrimónio e para a existência duma autêntica espiritualidade conjugal, sem a qual toda a vida de casados, facilmente se desmorona.

Quais são os pontos fundamentais dessa espiritualidade que todos os noivos católicos devem manter?

1. - Profunda vivência da Caridade, através duma grande união a Cristo, duma constante disponibilidade à vontade de Deus. "Senhor, que quereis do nosso amor?" - eis a frase que traduz o estado de espírito, em que os noivos cristãos devem preparar o seu futuro.

2. - Profunda vivência do Mistério da Igreja e da doutrina da Redenção. Aqui, encontrarão os noivos a razão de ser da sua verdadeira união e da sua renúncia: "Senhor, nós dois, unidos à Igreja, sem temer a Cruz, faremos que o Vosso Reino venha!"

Fundação Cuidar o Futuro

Estes dois princípios traduzir-se-ão, na vida dos noivos, em ascese, em oferta, em oração. A sua vida espiritual há-de alimentar-se, sempre que possível, de algumas práticas comuns (não esquecer os diferentes tipos de espiritualidade que correspondem às características específicas das personalidades feminina e masculina): intenções comuns de oração e oferta espiritual; participação na missa e Sacramentos; recitação do terço; leitura espiritual (que pode ser de preparação directa para o matrimónio), etc..

IV-CELIBATO

1. Amor - necessidade de se complementar numa síntese em Deus - Deus complemento absoluto.
 - apelo à fecundidade da graça, sem intermediários.
2. Bons do Celibato: seguir o Cordeiro para onde Ele for
 - maternidade das almas - vinda do Reino
 - ser pilar da Igreja
3. Possibilidades concretas de celibato: no mundo ou fora do mundo

1. - Ao afirmarmos que o celibato é maior do que o Matrimónio - por ele, o homem entrega-se inteiro com todas as suas faculdades de inteligência, vontade e sensibilidade, sem partilha e sem reserva, ao amor de Cristo - há que salientar que este celibato é aquele que é abraçado por amor do Reino, o celibato da alma que se liberta das preocupações do mundo para fazer suas as preocupações do Senhor.

Aquele ou aquela que renunciasse ao Matrimónio para se libertar de encargos familiares, para se dedicar exclusivamente à Ciência ou à Arte ou, mesmo, a interesses de família, ou por qualquer outro motivo natural, ainda que nobre, esse não estaria a realizar uma vocação cristã, de celibato no seu sentido grande, no seu sentido sobrenatural.

A Virgindade só adquire a sua plena expressão e o seu pleno significado, quando é consagração a Deus. E podemos, então, falar nos dois caminhos, os únicos com significado sobrenatural: Matrimónio ou Virgindade consagrada.

Nela, o homem não renuncia à complementaridade no Amor, sem o qual não seria plenamente homem. Antes, faz profissão de só em Deus buscar esse complemento. Renuncia, sim, ao apoio e consolação sensíveis que encontraria na complementaridade humana. Mas os bens de ordem sensível que perde são largamente substituídos por outros de ordem espiritual, quer já na vida presente, quer, um dia, na Eternidade, porque aos virgens é dado "seguir o Cordeiro onde quer que Ele vá."

Aquele, pois, que se consagra a Deus de corpo e alma faz seus todos os interesses do Cordeiro e das almas. Porque não é possível tomar a cabeça sem tomar o corpo; e onde está Cristo, aí está a sua Igreja.

A alma, que pensava renunciar à maternidade, ao renunciar aos bens do Matrimónio, encontra-se, assim, unida a outras almas, intimamente ligada a todas, porque sabe que é chamada a gerá-las para a vida da graça e que a sua fidelidade é, em grande parte, penhor da santificação e da salvação dos outros. O que lhe parecia renúncia, torna-se ganho; o que julgava diminuição, é dilatação. Porque não há dimensões humanas, tudo é limitado; porque nada possui, tudo lhe pertence. E verifica-se, então, a palavra do apóstolo: "Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus". É a liberdade da alma que se entregou inteira nas mãos de Deus, que quebrou todas as cadeias que a prendiam ao mundo.

O que é grande, pois, não é a Virgindade em si, mas a entrega total nas mãos do Senhor. "... nas virgens, não louvamos, simplesmente, o facto de serem virgens, mas que, votadas a Deus, elas sejam virgens por uma continência cheia de piedade". (Stº. Agostinho).

2. - Uma virgindade encarada, apenas, pelo seu lado negativo - renúncia ao Matrimónio - seria uma virgindade mutilada, conduzindo facilmente à diminuição da pessoa.

A Virgindade é antes de tudo, união com Cristo. A alma virgem torna-se esposa de Cristo. A medida da sua grandeza é a medida da Caridade.

Aquele que tendo abraçado a virgindade por amor de Cristo, viesse a esfriar nesse amor e a praticá-lo, apenas, por pura rotina, substituindo, no seu coração, o amor de Deus por amor das criaturas ou pelo amor de si próprio, cairia na mais triste das esterilidades.



Por isso, a alma chamada à Virgindade tem de estar vigilante e pedir, sem cessar, a graça da perseverança. Tem de ser humilde e reconhecer, a cada momento, o nada da sua condição de criatura. Se atribuir a si o mérito do chamamento, peca por orgulho e, mantida embora a virgindade do corpo, quebra a virgindade do espírito. E o que é aquela sem esta?

Muitas vezes, porque o pecado do corpo deixa marcas visíveis, somos levados a atribuir-lhe importância maior, esquecidos de que o Senhor perdoou a mulher adúltera, a samaritana, a pecadora, porque muito amou; alcançou maldições terríveis contra os fariseus, irreprensíveis, acaso, no seu exterior, mas de coração endurecido pelo orgulho.

A par da Virgindade do corpo, há, pois, que salvaguardar a virgindade do espírito, inseparável duma profunda humildade. Sem a atenção constante à acção da graça em si, a alma, convencida embora da sua inteira doação, substitui facilmente o 1º. Amor pelo apego às criaturas e às obras do mundo, obras e criaturas que podem ser boas, mas de si não justificam o estado da virgindade.

Para a alma consagrada, as amizades humanas, a entrega às obras, só são legítimas, quando derivam dos interesses de Cristo. Porque não é lícito retomar o que se deu; partilhar o que já se não possui.

3. - Na ordem concreta, qual a forma de realizar essa consagração?

Pela vida religiosa - a mais perfeita - ou por uma consagração particular. Uma e outra supõem a emissão de votos, como meio jurídico ou, simplesmente, ascético de lhe dar estabilidade temporária ou definitiva.

Voto é uma promessa deliberada e livremente feita a Deus de um bem possível e melhor do que aquilo que se está a, perante Ele, obrigado.

Podem ser:

- Simples - Quando não exigem reconhecimento da Igreja como tais, tornando por força dele o que se consagra inabil para os actos contrários ao voto. Não anulam certos actos ilegais (uma casamento seria ilegítimo, mas válido **salvo** privilégios em contrário).
- Solenes - Anulam os actos, ilegais quando são reconhecidos pela Igreja como tais, porque tornam o consagrado inabil para os actos contrários ao voto. O casamento seria ilegítimo e inválido. O voto de pobreza invalida não só o direito à posse, mas ainda à aquisição e administração própria.
- publicos - Quando são aceites em nome da Igreja pelo legítimo superior eclesiástico.
- privados - Quando são de iniciativa particular. O voto de perfeita e perpétua castidade, e o de entrar em ordem religiosa de votos solenes depois dos 18 anos são reservados à Santa Sé.
- perpétuos - obrigam toda a vida.
- temporários - Obrigam o tempo marcado.

Nos votos publicos o conteúdo, extensão e duração dos votos é determinado pelas constituições do próprio instituto.

Nos votos privados, aquele que os faz deve antes determiná-los pormenorizadamente.

O objecto do voto pode ser uma coisa boa; nunca, uma coisa má.

Ao acto bom o voto acrescenta uma virtude própria - a intenção de praticar determinado acto para a glória de Deus.

Os três votos clássicos, de Pobreza, Castidade e Obediência, definem a consagração a Deus, no estado religioso.

Pelo voto da Castidade, o homem entrega a Deus a sua Virgindade; pelo voto de pobreza, consagra-lhe quanto possui de bens materiais, pelo voto de obediência, põe nas suas mãos o que tem de mais nobre e que o define como homem - a própria vontade. Este é o maior, é contem implicitamente, em certos institutos todos os outros. É essencial à Vida Religiosa. Ordens houve que, apenas, emitiam o voto de Obediência, por nele estarem compreendidos todos os outros.

A vida Religiosa, além dos votos, inclui a vida claustral de regra ordinária. Os Institutos Seculares correspondem à necessidade dos tempos modernos, de cristãos aparentemente iguais aos outros, mas dedicados exclusivamente ao serviço de Deus e das almas.

Para uma vida ser autenticamente religiosa, tem de constituir estado de tendência para a perfeição - o religioso que se desinteressasse da própria perfeição **pecaria** gravemente contra a essência da sua própria condição de religioso - tem de responder às seguintes exigências: regra de vida comum, votos publicos e aprovação da Igreja.

A vocação religiosa é um dom. Como todos os dons pode perder-se. Por isso, aquele a quem foi dado "compreender", deve pedir incessantemente a graça de fidelidade; deve estudar em Maria a realização perfeita da própria consagração a Deus. Nossa Senhora porque foi a mais virgem das Virgens, Rainha das Virgens, foi igualmente a mais perfeita das mães. Só ela pode, pela sua intercessão poderosa, obter para as almas a graça da Virgindade e da constância neste caminho. Só Ela pode obter para os que se consagram a Deus a humildade de reconhecerem o que Deus fez neles, porque olhou para a baixeza dos seus servos.